

ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Laura Rafaella da Silva Cardoso

OS ORIXÁS NO CUIDAR DA SAÚDE

Rio de Janeiro

2018

Laura Rafaella da Silva Cardoso

OS ORIXÁS NO CUIDAR DA SAÚDE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio
como requisito parcial para aprovação no curso
técnico de nível médio em saúde com habilitação em
Gerência em Saúde

Orientadoras:

Ana Lúcia Almeida Souto Mayor e Valéria
Fernandes de Carvalho

Rio de Janeiro

2018

“Nossa saúde vem da terra. Vem da água que corre na terra. Vem da energia que está na terra”.
(Autor desconhecido - retirado do vídeo ‘O Cuidar nos terreiros’)

RESUMO

A presente pesquisa objetiva compreender a concepção da saúde e do cuidar a partir da cosmovisão do candomblé, mais especificamente, a atuação dos orixás no processo de recuperação da saúde. Para tanto, busquei compreender a cosmovisão do candomblé e a relação entre os orixás, a natureza e a saúde; fiz o mapeamento de algumas práticas de intervenção dos orixás nos corpos (ebós, borí, banhos, entre outros); e busquei entender, também, os conflitos e possíveis diálogos entre a medicina ocidental e o cuidar nos terreiros.

Palavras-chave: Saúde. Candomblé. Sincretismo. Racismo Epistêmico. Orixás.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1: A CONCEPÇÃO DE SAÚDE NOS TERREIROS E NO SUS: DIÁLOGOS POSSÍVEIS	7
1.1 O (S) CANDOMBLÉ (S)	7
1.2 SINCRETISMO RELIGIOSO	8
1.3 EDUCAÇÃO NOS TERREIROS	9
1.4 NATUREZA NO CANDOMBLÉ	10
1.5 ORIXÁS	11
1.6 OMULU	13
1.7 OSSAIM	14
1.8 RENAFRO	16
1.9 SEMELHANÇAS ENTRE O CANDOMBLÉ E O SUS	17
1.10 SAÚDE NOS TERREIROS	18
1.11 RACISMO EPISTÊMICO	21
CAPÍTULO 2: A SAÚDE E O CUIDADO NA COSMOVISÃO DO CANDOMBLÉ	23
2.1 PROCESSOS DE SAÚDE E DE CURA PARA O CANDOMBLÉ	23
2.2 ATUAÇÃO DE OMULU E OSSAIM NOS RITUAIS DE CURA	25
2.3 PARTICIPAÇÃO DOS ENTREVISTADOS NOS RITUAIS	26
2.4 DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE OS PROCESSOS DE CURA PARA MEMBROS DO AXÉ E SIMPATIZANTES	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
ANEXO A: ENTREVISTAS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

INTRODUÇÃO

Quando criança, sempre tive curiosidade em saber o que acontecia nos terreiros de umbanda e de candomblé. Lembro-me que da primeira vez em que entrei em um deles, saí correndo, chorando, com muito medo. Só de escutar o batuque já foi o suficiente para eu sair apavorada. Porém, esse temor não nasceu em mim, foi construído por meio de todas as falas ruins que eu ouvi sobre as religiões de matriz africana.

Depois que eu fui crescendo, e principalmente depois que entrei para a Fiocruz, me reconheci como negra, comecei a pensar nos meus antepassados, no lugar de onde eles vieram e, de pouco em pouco, me apaixonei pela África e por tudo relacionado a ela. Daí veio o meu encanto pelos orixás - que na minha cabeça são deuses africanos que protegem seus irmãos na Terra -, pelo o que eles representam e como são representados.

Logo que iniciei as aulas no Projeto Trabalho, Ciência e Cultura (PTCC)¹, percebi que a monografia requereria grande dedicação de minha parte. Por conta disso, entendi que precisaria realizar uma pesquisa sobre um assunto que eu gostasse. Assim, surgiu o tema ‘Os Orixás no cuidar da Saúde’, por considerar a reflexão da temática sobre os orixás e a relação destes com a saúde, área que estudo, de relevante importância.

Uma das dificuldades iniciais, considerando que são muitos orixás, foi escolher alguns e analisar como eles atuam no campo da saúde. No entanto, o meu objetivo não é só esse, pois espero que esta monografia seja capaz de desconstruir preconceitos, principalmente aqueles gerados pelo racismo epistêmico.

Dessa forma, a presente monografia tem como objetivo compreender a concepção da saúde e do cuidar a partir da cosmovisão – modo de entender o mundo, visão de mundo - do candomblé, mais especificamente, a atuação dos orixás no processo de recuperação da saúde. Para tanto, busquei: a) compreender a cosmovisão do candomblé; b) entender a relação entre os orixás, a natureza e a saúde; c) mapear algumas práticas de intervenção dos orixás nos corpos (ebós, borí, banhos, entre outros) no cuidar e promover a saúde e; d) problematizar os conflitos e possíveis diálogos entre a medicina ocidental e o cuidar nos terreiros.

¹ Projeto que integra um dos componentes curriculares da EPSJV, cuja finalidade é o desenvolvimento da monografia como um dos itens obrigatórios para a conclusão do ensino médio.

Escolhi o candomblé por ser uma das religiosidades de matriz africana mais conhecidas no Brasil e pelo fato de ter se mantido até os dias atuais, apesar de toda a discriminação que vem sofrendo desde o processo histórico de escravização.

Conforme afirmado acima, o motivo da escolha por esse tema foi a curiosidade de entender os conhecimentos, assim como as representações e simbologias que cercam as religiosidades de matriz africana, em especial aos atribuídos aos orixás na relação com o cuidado e a saúde, bem como sua atuação no funcionamento da vida na Terra e no equilíbrio do Axé².

Para além disso, creio que esse trabalho tem um papel importante em fortalecer a implementação da lei 10.639/03 – que torna obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e particulares -, permitindo que os alunos, principalmente os afrodescendentes, conheçam mais de si mesmos, de suas histórias e de seus antepassados.

Portanto, é uma religião que possui muito a oferecer, em todos os sentidos, principalmente nos que dizem respeito à saúde, à interação com a natureza tanto imaterial quanto material e ao resgate e à afirmação de uma ancestralidade que jamais pode ser perdida ou esquecida.

A pesquisa se baseou na abordagem qualitativa. Usei como estratégias de pesquisa a revisão da literatura por meio da busca nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico, tendo como referência os descritores saúde, candomblé, sincretismo, racismo epistêmico e orixás. Além disso, fiz uso da revisão de documentos retirados de monografias, dissertações, teses, sites e artigos acadêmicos.

A pesquisa foi desenvolvida, também, por meio de entrevistas semiestruturadas, com quatro integrantes do Ilê Ase de Onisegun localizado em Guapimirim, no Rio de Janeiro, entre eles: um babalorixá; uma ekedi; um ogan e; um iaô. A escolha desses sujeitos da pesquisa deve-se à uma ordem temporal e hierárquica dentro dos terreiros.

² Para o candomblé, força vital presente nos seres humanos, nos animais e nas plantas e responsável pela manutenção do mundo.

CAPÍTULO 1: A CONCEPÇÃO DE SAÚDE NOS TERREIROS E NO SUS: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

1.1 O (S) CANDOMBLÉ (S)

O Brasil é um país muito conhecido por sua diversidade étnica e cultural, que foi construída de forma violenta e forçada, pela dominação, exploração e escravização da Europa sobre os povos da África e da América do Sul. O candomblé, assim como toda a herança que os afro-brasileiros têm das danças, das músicas, das comidas, dos costumes, dos conhecimentos e das crenças, é expressão da resistência dos povos africanos escravizados no processo da diáspora africana³.

O candomblé é uma religião afro-brasileira que se constituiu no Brasil por meio das cosmovisões⁴ das culturas banto, iorubá, ewé-fons, nagô e jejes, trazidas pelos negros⁵ vindos de diversos cantos da África. Chegando aqui, esses ideais, junto com elementos do catolicismo e, em menor quantidade, de religiões ameríndias, formaram a cosmovisão candomblecista (MARQUES et al., 2014). Mas, foi apenas a partir da metade do século XIX que o candomblé conhecido atualmente configurou-se, começando pela Bahia e Rio de Janeiro e depois disseminando-se para além das fronteiras do Brasil (BARROS, 2011).

De acordo com Nascimento (2016) e Barros (2011), a palavra candomblé frequentemente usada para representar uma determinada religião afro-brasileira, pode não ser a melhor denominação, pois ela está no singular, o que carrega a ideia de algo homogêneo. Porém, como já foi dito antes, o candomblé ou os candomblés, como os autores preferem, é a junção de diversos elementos advindos, principalmente, de várias partes da África e que aqui originaram diversas vertentes, também chamadas de nações. Sendo assim, não seria mais adequado o termo candomblés ao invés de candomblé? A utilização do plural não seria uma forma melhor de representar essa diversidade? Esse debate não será aprofundado neste trabalho, no entanto, é um ponto muito importante a ser mencionado.

³ Há várias interpretações sobre diáspora, Nascimento (2017) aborda algumas delas. Todavia, me refiro a dispersão forçada e desumana do povo africano pelo mundo, principalmente para as Américas, devido ao tráfico negreiro no período colonial.

⁴ Modo de entender o mundo, visão de mundo.

⁵ O termo negro será utilizado para representar a população composta por pretos e pardos assim como o IBGE estabelece.

Na cosmovisão candomblecista não há pluralidade de mundos, não há Aiyê⁶ e Orum⁷ como duas partes distintas e nem qualquer outro conceito que tente separar espaços e elementos. A natureza, as entidades, os mortos (*eguns*), os vivos, os animais, apesar de possuírem significados, características, representações e hierarquias diferentes, pertencem a um mesmo mundo, uma mesma comunidade. Ou seja, o conceito de duas partes que se opõem como o corpo (*ara* ou *mukutu*) e “espírito” (*èmi* ou *muenho*), o bem e o mal, não é uma característica africana. Para os candomblecistas, o mundo é uma *cabaça* composta por vários elementos que coexistem e não se sobrepõem uns aos outros (NASCIMENTO, 2016).

A concepção de vida religiosa e mundana⁸ como ideias distintas também é um conceito ocidental. Os erros assim como os acertos são tidos como *naturais* e necessários ao caminhar (WINSTON KING apud NASCIMENTO, 2016). Em outras palavras, o candomblé não "aponta dedos", julgando aquele que erra, mas sim estimula o candomblecista e o simpatizante a tentar superar seus erros e defeitos com a ajuda dos orixás e da comunidade-terreiro que juntos formam uma grande família (NASCIMENTO, 2017).

1.2 SINCRETISMO RELIGIOSO

Por ser uma religião muito dinâmica houve e há muitas transformações em seu interior. No período colonial, o sincretismo religioso que marcou a origem dessa religião não ocorreu de forma pacífica, mas sim por imposição e por resistência dos negros à perseguição dos brancos. Os escravizados eram catequizados à força, portanto, os dogmas católicos foram aprendidos de forma coerciva.

As crenças dos negros trazidos para a América eram postas em xeque à medida que eles eram obrigados a serem catequizados, deixando suas antigas crenças originárias para trás. No entanto, segundo Verger (1981), a resistência também fazia e se faz presente, nesse âmbito religioso, quando eles associavam os santos católicos a alguns orixás de modo que pudessem cultuar seus deuses. Porém, aos olhos dos senhores estavam praticando o catolicismo de uma forma diferente. Dependendo da região, os

⁶ Termo em iorubá que significa mundo material.

⁷ Termo em iorubá que significa mundo imaterial, sagrado.

⁸ Utilizo o termo mundana no sentido de pertencente ao mundo material.

orixás Obaluaê e Nanã⁹, por exemplo, são sincretizados com São Roque ou São Lázaro e Sant'Ana, respectivamente. Além disso, o mesmo autor traz um debate sobre o real significado desse sincretismo. Se foi uma forma de resistir e burlar o catecismo ou pelo contrário, se facilitou a conversão dos negros.

1.3 EDUCAÇÃO NOS TERREIROS

Os nagôs foram um dos grupos étnicos trazidos à força para o Brasil, principalmente para o nordeste. Nesta região, mais especificamente na Bahia, formaram vários terreiros (BARROS, 2011). Esses espaços não são apenas o principal lugar onde o candomblé é praticado, mas também são um dos, senão o maior, símbolos de resistência negra, de afirmação e de valorização da cultura afro-brasileira (SILVA et al., 2003).

A educação nesses locais é produzida de forma muito diferente da hegemônica, ou seja, europeia. Ela é baseada nas metodologias africanas de ensino, nas quais a cosmovisão candomblecista é transmitida oralmente e os indivíduos aprendem na “pele”, praticando, sentindo, ouvindo, vivenciando todos os ensinamentos passados. Essa é uma das razões que torna impossível a dissociação do candomblé da vida mundana, material (MARQUES et al., 2014). Segue abaixo um relato de Mãe Beata de Iemanjá¹⁰, uma das mães de santo mais reconhecida no Brasil, sobre o que é o candomblé:

O candomblé é meu empoderamento
É minha posse
É minha vida
É a fonte a que eu bebo, a minha água a qualquer momento
É a luz dos meus olhos
É o canto dos pássaros
É o lamento das nossas crianças do morro, da periferia,
Dos homossexuais
É a minha estrada
É a encruzilhada que eu nasci
É o rio do Recôncavo, de Cachoeira, do Paraguassu
É a fome que eu passei quando criança
A boneca que eu não tive o direito de ter
O candomblé me deu oportunidade pra tudo isso
É a minha cultura
É a minha vida
O meu pai me tirou do colégio no 3º ano
Disse que filha dele não aprenderia a escrever

⁹ Nanã, mãe de Obaluaê, é considerada o orixá mais antigo dentre as divindades das águas, sendo representada nas águas calmas dos lagos e pântanos VERGER (1981).

¹⁰ Infelizmente, Mãe Beata faleceu no dia 27 de maio de 2017 aos 86 anos.

pra não fazer bilhete pra chamar homem pra trás da casa
eu aprendi a ler com papel do lixo
então o candomblé pra mim é isso
É a minha cultura
É o sangue do meu povo
(informação verbal).¹¹

Para Marques et al. (2014) é muito comum encontrar, em terreiros, praticantes que estão em contato com a religião desde a vida intrauterina. Então, eles aprendem a cosmovisão candomblecista muito espontaneamente, da mesma forma que se aprende a andar, a comer, a falar.

Os itans também são parte importante nesse processo de aprendizagem, pois são os mitos que contam as histórias dos orixás e da vida na terra, além de criarem a atmosfera que rege a religião (SOUZA; SOUSA; LIMA, 2010).

Apesar do aprendizado acontecer de forma espontânea, através da vivência e observação das práticas, entende-se que ninguém é detentor de conhecimento total, nem mesmo os babalorixás e as ialorixás - que são os líderes do terreiro. Estes últimos, como Nascimento (2016) diz em seu artigo “Ensaio Filosófico, Volume XIII”, são considerados “sábios parciais”, pois estão em constante aprendizado. Consequentemente, aqueles que não são filhos de santo sabem nada ou quase nada sobre a religião. Esse desconhecimento, aliado ao racismo epistêmico cria um imaginário muito simplista e preconceituoso sobre algo tão profundo; e a religião passa a se resumir - para os ignorantes racistas - a festas, a danças, a comidas, a “matança” de animais e a trabalhos destinados ao “mal”.

1.4 NATUREZA NO CANDOMBLÉ

Todas as religiões possuem, em algum grau, uma relação com a natureza. Isso faz ligação direta com a cosmovisão de cada uma, na qual influencia o modo como seus praticantes veem e interagem com o mundo.

O meio natural pode ter várias significações. A mais usual e concreta é aquela constituída pela flora e fauna, mas também pode-se considerar natureza, de forma mais abstrata, como tudo que existe no mundo.

¹¹ Mãe Beata em entrevista a Lázaro Ramos no programa ‘Espelho’ publicado no dia 20/ 03/ 2015. Fonte: <http://canalbrasil.globo.com/programas/espelho/videos/4050635.html>.

Dentro do candomblé, a relação com a natureza é muito profunda, pois ela é a base de tudo, é o princípio dos ensinamentos. Então, seguindo esse pensamento, o candomblé e a natureza tornam-se um só. No entanto, para aqueles que são ignorantes em relação a esta questão, fica a pergunta: se a natureza é intocável, como os candomblecistas podem utilizar plantas e oferecer animais nos rituais? Segundo Neto e Alves (2010) existe um ciclo vital. Tudo o que eles retiram da terra volta para ela, incluindo os seres humanos que são compostos por elementos naturais que com a morte do corpo voltam para a terra.

Cabe destacar que, determinados vegetais e animais não podem ser utilizados, pois são considerados como a representação, a morada ou pertencem aos itans¹² de alguns orixás. Os caranguejos, por exemplo, não podem ser tocados, pois vivem na lama que pertence ao reino de Nanã. Então, Nanã é relacionada a esse animal, tornando-o sagrado (NETO e ALVES, 2010).

1.5 ORIXÁS

Orixás são as divindades para quem os cultos, nas religiões de matriz africana, são destinados. Eles são considerados figuras divinas representadas nos mares, nos rios, nos animais, nas plantas, na terra, no céu, na chuva, no sol, na tempestade, no ar, no sopro da vida, nas ações, no caráter – em cada canto do mundo, pois são eles que regem a vida na Terra, atuando em diversos aspectos do cotidiano. E cada orixá pertence a um reino. Xangô, por exemplo, pertence ao fogo e as pedras, já Iemanjá pertence ao mar. Eles são a própria natureza e é isso que faz dela intocável, sagrada (NETO e ALVES, 2010).

Da mesma forma em que há diferentes visões sobre como se deu o sincretismo religioso, há distintas interpretações do que são os orixás. Nascimento (2016) traz a ideia de ancestrais e Verger (1981) compartilha desse pensamento, porém indo mais longe. Este último diz que essas entidades já estiveram na Terra como seres humanos e em um momento de explosão emocional se tornaram divinos, perdendo todo o caráter material. Por outro lado, há autores que acreditam que os orixás sempre foram e sempre serão pura energia e nunca existiram em forma humana.

¹² São os mitos dos orixás.

O modo como as entidades são cultuadas e a hierarquia que ocupam são diferentes, até mesmo na África não existe uma homogeneidade. Verger (1981) apresenta esse fato quando fala da presença de variações locais – determinado orixá pode ser adorado em um lugar enquanto em outro é ignorado e seus poderes são associados a outra divindade.

Geralmente, a hierarquia que o orixá ocupa está ligada as histórias de cada cidade. Em Oyó, por exemplo, o curandeiro é Ossaim, já em Ifé é Elésije. Esse fenômeno também pode ser percebido no Brasil, mas de forma diferente, quando um orixá é mais popular em um lugar do que em outro.

Os cultos que são uma das principais características do candomblé são voltados para a manutenção das relações com a natureza e com a comunidade – é composta pelos filhos de santo, pelos orixás e pelos eguns¹³ – (NASCIMENTO, 2016). Nessas celebrações, os deuses africanos utilizam os praticantes como um instrumento de intermédio entre Orum (mundo sagrado, imaterial) e Aiyê (mundo físico). Isso representa a perpetuação, aqui no Brasil, das celebrações que ocorriam na África, mas com certas diferenças como a existência de uma hierarquia entre as divindades e o fato de apenas dezesseis orixás serem cultuados: Exu; Ogum; Oxóssi; Ossaim; Omulu; Xangô; Oxalá; Nanã; Iemanjá; Oxum; Iansã; Obá; Ewá; Ibêji; Ifá e Oxumaré (SOUZA; SOUSA; LIMA, 2010).

O transe é uma das formas com que os orixás se manifestam e se apresentam. Talvez, seja a principal forma, pois é a ponte que liga as dimensões do mundo. No momento da manifestação, fica evidente a presença de Orum e de Aiyê no corpo do elègùn ou iaô¹⁴. O elègùn é elemento primordial nas cerimônias, pois é por intermédio dele que o orixá dança, emana e recebe as energias - o axé - que envolvem o terreiro.

É um momento de muito acolhimento, respeito e alegria. Cada um, até mesmo aqueles que não entram em transe, é responsável por suas obrigações com seu orixá, seja essa pessoa filha de santo ou não, ela poderá contar com a ajuda de uma mãe ou um pai de santo (VERGER, 1981).

Para os autores que acreditam que os orixás são ancestrais, os candomblecistas que não têm afro descendência, não conseguem sentir essa conexão, essa ancestralidade,

¹³ Os mortos

¹⁴ Como são chamadas algumas pessoas que entram em transe.

então a afinidade com a divindade é representada pelo caráter do indivíduo que corresponderá a determinados orixás. Trata-se de arquétipos. Os filhos de um mesmo orixá apresentam semelhanças entre si, tanto físicas como de personalidade, que remetem as características dessa entidade.

Durante o transe, o (a) iaô passa a comportar-se, inconscientemente, como a divindade. Seu corpo é emprestado a ela para que se manifeste por algum tempo. Nesse momento as angústias e aflições, dores e tristezas da pessoa em transe são anestesiadas. Sendo assim, era de se esperar que os/as filhos/as de um mesmo orixá fossem todos iguais; porém, as diferenças existem devido as diversas qualidades dos orixás, os quais podem comportar-se como velhos, novos, ríspidos, justiceiro etc. A isso agrega-se o fato de, no Brasil, cada pessoa ser constituída por duas entidades – uma que se faz mais presente e outra mais tímida – cujo equilíbrio forma a personalidade dos indivíduos (VERGER, 1981).

Como foi dito anteriormente, os orixás são ligados a diversos aspectos do cotidiano como ao amor, à saúde, à fecundidade, à vida, à morte e ao funcionamento do corpo. Oxum, por exemplo, é relacionada à fecundidade e à beleza, Nanã à vida e Exu à sexualidade, ao caminho, ao movimento, às transformações. E cada uma dessas entidades possui características próprias. Dentre elas estão Omulu e Ossaim.

1.6 OMULU

Omulu é o orixá conhecedor dos mistérios da vida e da morte, pertencente ao reino da terra e da lama. É conhecido por vários nomes: “Rei Dono da Terra”, “Filho do Senhor”, Obaluaê, Xapanã, Sapatá, entre outros. No Brasil, dependendo da região, é sincretizado com alguns santos católicos como no Rio de Janeiro, por exemplo, onde é sincretizado com São Roque.

Dentro dos terreiros é temido e respeitado, sendo sempre cuidadosamente evocado. Diante disso, algumas pessoas que possuem uma relação profunda com ele preferem chamá-lo por nomes carinhosos que demonstrem essa afetuosidade. Não se sabe ao certo sua origem na África, mas acredita-se que ele seja de Tapá ou Nupê (VERGER, 1981). Segue abaixo um de seus mitos:

Iemanjá, mãe amorosa que protege e cura seu filho, Cavango. Filho encontrado nas águas do mar com o corpo cheio de feridas. Iemanjá lhe põe vestes de palha, acariciando e cuidando da sua pele preta, pipocando em flores pustulentas.

Um vento curioso dança e gira em torno do rei do mundo. E quando as palhas se abrem, um corpo limpo e brilhante se faz presente como sol que se levanta do seio da terra (informação verbal) ¹⁵.

Alguns mitos contam histórias sobre disputas de Nanã e Obaluaê contra Ogum. Os motivos dessas disputas podem ser muitos. Pierre Verger (1981) cita em seu livro “Orixás”, esse confronto como consequência de vários povos vindos de diversos lugares, com variadas religiões, experiências e crenças, colocados para conviver no mesmo espaço.

Os iniciados de Omulu devem evitar carneiro, peixe de água doce e pele lisa, caranguejos, banana prata, jacas, entre outros alimentos. Já as oferendas realizadas, principalmente, na festa chamada Olubajé¹⁶ podem levar cabritos, bodes, galos, pipoca, milho cozido entre outros alimentos (VERGE, 1981).

Seus filhos usam uma roupa inteiramente revestida de palha, com seus rostos cobertos e colares que podem ser o laguidibá – um colar feito de madeira ou chifre de búfalo¹⁷ - ou contas que levam as cores da divindade. No momento do transe, os iniciados saúdam o Senhor da Terra com “ Atotô! ”. Dançam ao ritmo do opanijé¹⁸, segurando seus xaxarás¹⁹ e curvados como se estivessem sentindo dor. Além das roupas também possuem personalidades específicas. Geralmente, são do tipo que gostam de sofrer, tanto que não se sentem bem quando tudo está em ordem, mas ao mesmo tempo dedicam-se ao próximo, abrindo mão de bens materiais, desejos e necessidades (VERGER, 1981).

1.7 OSSAIM

Ossaim é o orixá das ervas que são utilizadas nos rituais, pertencente ao reino do ar e das folhas. É uma entidade de grande importância, pois é ele quem manipula as energias contidas nas folhas. Segue abaixo um de seus mitos:

¹⁵ Autor desconhecido. Fala retirada do documentário ‘O cuidar nos terreiros’.

¹⁶ São as celebrações destinadas à Omulu.

¹⁷ Retirado do site <http://www.mundodasmagias.com/dicionario-yuruba/>.

¹⁸ Toque específico para Omulu.

¹⁹ Objeto símbolo do orixá, chamado de “xaxará de Obaluaê”. É uma vassoura que varre as impurezas, ou seja, representa a cura das doenças.

Ossaim recusa-se a cortar as ervas miraculosas
Ossaim era o nome de um escravo que foi vendido a Orunmilá.
Um dia ele foi à floresta e lá conheceu Aroni,
que sabia tudo sobre as plantas.
Aroni, o gnomo de uma perna só ficou amigo de Ossaim
e ensinou-lhe todo o segredo das ervas.
Um dia, Orunmilá, desejoso de fazer uma grande plantação,
ordenou a Ossaim
que roçasse o mato de suas terras.
Diante de uma planta que curava dores,
Ossaim exclamava:
“Esta não pode ser cortada, é a erva que cura as dores”.
Diante de uma planta que curava hemorragias, dizia:
“Esta estanca o sangue, não deve ser cortada”.
Em frente de uma planta que curava a febre, dizia:
“Esta também não, porque refresca o corpo”.
E assim por diante.
Orunmilá que era um babalaô muito procurado por doentes,
interessou-se então pelo poder curativo das plantas
e ordenou que Ossaim ficasse junto dele nos momentos de consulta,
que o ajudasse a curar os enfermos com o uso das ervas miraculosas.
E assim Ossaim ajudava Orunmilá a receitar
e acabou sendo conhecido como o grande médico que é.
(PRANDI, 2001, p. 152).

Há uma frase bastante conhecida nos terreiros que diz: *Kosí ewe kosí òrisa* (Sem folha não há orixá). A partir dessa frase fica perceptível o tamanho valor desse orixá.

Seus itans contam que ele vive na companhia de Aroni, um anão de uma perna só, cuja figura é por muitas vezes associada ao saci-pererê – personagem do folclore brasileiro – e até ao próprio Ossaim. Também contam que ele é um orixá das florestas, responsável pelas plantas selvagens. Logo, as ervas colhidas pelos babalossains e utilizadas nos rituais só podem ser retiradas desses determinados locais (VERGER, 1981).

No candomblé, algumas áreas e funções são restritas como, por exemplo, os babalossains - também chamados de curandeiros que conhecem e sabem manusear o axé presente nas folhas - que são os responsáveis por coletar as ervas medicinais que serão utilizadas nos tratamentos e, por serem filhos de Ossaim, são os únicos que podem fazer essa coleta. Um fato curioso é que, no Brasil, os babalossains entram em transe. Já na África, o conhecimento sobre as plantas é adquirido depois de muitos anos de estudo e contato com a natureza (NETO; ALVES, 2010 e VERGER, 1981).

A ceifa é um momento de pureza, então o encarregado precisa estar com o organismo leve e a mente concentrada na tarefa. Isso quer dizer que alimentos pesados e sexo na noite anterior são proibidos. A coleta é feita de madrugada, deixando uma

oferenda no local. E não basta apenas conhecer as ervas, mas também é necessário saber como ativar os fluidos contidos nela, o que é realizado por meio de palavras específicas ditas no momento de uso (VERGER, 1981).

Verger (1981) também aborda em seu livro as particularidades dos orixás: dia; cor; comida; símbolo; dança; saudação e cântico. No caso de Ossaim, seus filhos usam contas verdes e brancas, seu dia é sábado, suas oferendas são feitas de animais de duas pernas como galinhas e pássaros, é saudado com “EWÊ Ô!²⁰” (“OH! As folhas!”), seu símbolo é um pássaro de ferro e, por fim, seus cantos e danças são rápidos e empolgantes. Em geral, as pessoas de Ossaim são bastante equilibradas e racionais. Isso não quer dizer que eles sejam frios, apenas sabem controlar seus sentimentos.

1.8 RENAFRO

Há muitos modos de promover saúde, ainda mais em um país como o Brasil, tão diverso de culturas e religiões. Porém, o que acontece, segundo Souza, Sousa e Lima (2010), é que essas diferentes visões de saúde acabam disputando espaço, pois a medicina ocidental, as regionais e as religiosas não são pensadas, no âmbito das políticas públicas, de forma complementar, mas sim excludentes. Ou seja, o modelo médico ocidental é colocado no centro, sendo considerado oficial, enquanto outras práticas de saúde tornam-se periféricas, extraoficiais. São desmerecidas. No entanto, precisa-se reconhecer movimentos e instituições como a Rede Nacional de Religiões Afro-brasileiras e Saúde (RENAFRO)²¹ que luta pela saúde dentro e fora dos terreiros e pela construção de um diálogo entre ela e o Sistema Único de Saúde (SUS) de forma que essas duas instâncias troquem e compartilhem conhecimentos.

Essa rede conta com equipes compostas por mães, pais e filhos de santo, simpatizantes, gestores e outros profissionais de saúde, lideranças comunitárias, pesquisadores e membros de organizações não governamentais que têm como principais objetivos: construir uma rede de terreiros que atuem fortemente na promoção,

²⁰ Esta saudação tem a ver com um de seus mitos.

²¹ Segundo SILVA (2007) “A Rede foi criada em março de 2003 durante o II Seminário Nacional Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (São Luis-MA) sendo uma instância de articulação da sociedade civil que envolve adeptos da tradição religiosa afro-brasileira, gestores/profissionais de saúde, integrantes de organizações não-governamentais, pesquisadores e lideranças do movimento negro.”

prevenção e recuperação da saúde; trocar informações entre os terreiros e atuar como controle social nas políticas públicas de saúde (SILVA; DACACH; LOPES, 2005).

SILVA (2007) destaca que:

(...) Os templos afro-religiosos constituem-se, há séculos, em espaços de inclusão para os grupos historicamente excluídos, de acolhimento e de aconselhamento. As práticas rituais e as relações interpessoais que são estabelecidas nestes espaços possibilitam as trocas afetivas, a produção de conhecimento, o acolhimento, a promoção à saúde e a prevenção de doenças e agravos, bem como a renovação de tradições milenares, sobretudo por meio do uso das plantas medicinais. (...) É nesses espaços, denominados roças ou comunidades de terreiro, onde a sabedoria dos mais velhos se funde à vocação para aprendizagem dos mais novos, que desenvolvemos o nosso trabalho de ações de promoção da saúde em rede. (...) A promoção da saúde nesses espaços é fundamental, pois permite a preservação da própria tradição religiosa, uma vez que o corpo é um dos elos de ligação com os deuses e deusas. A saúde é vivenciada pelos adeptos como o equilíbrio das forças vitais ou a harmonia com a natureza, como verificamos em muitas de nossas ações e encontros realizados pela Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde.

A RENAFRO também promove seminários, encontros, capacitações e oficinas, utilizando os itans como instrumento lúdico para falar sobre saúde (SILVA; DACACH; LOPES, 2005).

1.9 SEMELHANÇAS ENTRE O CANDOMBLÉ E O SUS

O SUS²² (Sistema Único de Saúde) entende saúde como um conjunto de fatores relacionados à vida da população como nível social, de escolaridade, alimentação, lazer, moradia. Ou seja, tudo aquilo que interfere na qualidade de vida de uma pessoa. E para que esse sistema funcione foram criados princípios que norteiam suas ações como o de universalidade²³, o de integralidade²⁴ e o de equidade²⁵ que significa entender que todos os cidadãos são iguais, no entanto, cada um tem suas necessidades que precisam ser atendidas dentro dos serviços que o SUS oferece, mas sem privilégios (BRASIL, 2000 e BRASIL 1990).

²² O SUS é uma grande rede que garante o acesso gratuito, integral e universal à população brasileira. Abrange tanto ações, como serviços de saúde divididos em três níveis: atenção básica, média e de alta complexidades (<http://portalms.saude.gov.br/index.php/sistema-unico-de-saude/sistema-unico-de-saude>).

²³ Garante o direito à saúde para todos.

²⁴ Compreende o indivíduo como um todo, indivisível e como um componente de da sociedade. Sendo assim, toda ação de saúde realizada nesse indivíduo precisa levar em consideração a sua bagagem, sua história.

²⁵ Em outras palavras é atender cada caso de acordo com sua complexidade.

Pode-se perceber que esses três princípios supracitados também aparecem no cuidado da saúde nos terreiros quando: todas as pessoas que batem na porta do terreiro, precisando de ajuda são atendidas; o ouvir é utilizado na hora do acolhimento e; se inicia a preparação de um ritual específico que possa diminuir ou acabar com as aflições da pessoa necessitada.

Um outro ponto de semelhança entre o candomblé e o SUS é que os dois não compreendem saúde como ausência de doença e por isso trabalham com a prevenção, mas de formas diferentes. Por exemplo, o primeiro trabalha, principalmente, por meio de rituais, ações e pensamentos que estimulem o contato com o mundo sagrado, já o segundo, age por meio de campanhas como a de vacinação, contra a dengue, pelo uso da camisinha, entre outras.

É importante salientar que para além do contato com o sagrado, os pais e as mães de santo também ensinam aos seus filhos a seguirem as instruções do SUS, seja no combate aos mosquitos, na prevenção das doenças sexualmente transmissíveis ou no controle da hipertensão. Portanto, o trabalho pela implementação das ações de saúde pública não é promovido apenas nas unidades de saúde, mas também nos terreiros.

1.10 SAÚDE NOS TERREIROS

[...] Nós temos que dar, receber a graça de Deus e dividir com outras pessoas que tão precisando, que venha doente, tão precisando de um apoio, de um acolhimento. Então, é o que a gente pensa e faz (informação verbal) ²⁶.

[...]

O terreiro é uma casa acolhedora, de irmãos, onde, aqui, a gente perde os títulos lá fora [...] (informação verbal) ²⁷.

A partir dessas falas percebe-se que o terreiro além de sediar as práticas do candomblé também possui a função de acolher, principalmente as pessoas em sofrimento que vão para lá buscar carinho, consolo, saúde, paz, dinheiro. E a palavra-chave que norteia a forma de realização do cuidado ao próximo é o acolhimento, pois acolher é respeitar as diferenças, mas sem discriminação, valorizando também a igualdade. É cuidar do outro até que ele se restabeleça, fique em paz fisicamente, mentalmente e espiritualmente. É não discriminar em relação aos problemas que aqueles

²⁶ Entrevista com Mãe Elzita (Terreiro Fé em Deus, São Luis – MA) do documentário ‘O cuidar nos terreiros’.

²⁷ Entrevista com Mãe Carmen do Gantois (Terreiro do Gantois, Salvador - BA) do documentário ‘O cuidar nos terreiros’.

indivíduos estão trazendo. É nessa produção do cuidado e promoção da saúde que entram as ervas e os orixás como importantes elementos de cura.

Souza; Sousa; Lima (2010) apontam que cada elemento diretamente envolvido no processo de cura exerce uma função. O curador é aquele que possui permissão para executar os rituais que buscam o melhoramento do indivíduo em tratamento. Esses rituais são sustentados e guiados pelas divindades e utilizam como instrumentos de cura as propriedades litúrgicas da natureza (principalmente as folhas e a água), cânticos, danças, banhos, oferendas e a fé da pessoa que está sendo curada.

Nos terreiros, o processo de cura cuida do indivíduo por completo. Isso quer dizer que o corpo humano não é dividido e analisado em partes como é feito na medicina ocidental. Para o candomblé, bem-estar significa, analisando superficialmente, o equilíbrio entre o mundo espiritual e o material, entretanto, quando essa análise é aprofundada, observa-se que o equilíbrio se dá entre o corpo físico, o espírito/alma e os orixás (SOUZA; SOUSA; LIMA, 2010). Então, a saúde advém da boa energia que flui dessa relação, da presença do Axé que é fluido vital, elemento primordial para a existência da vida na Terra, assim como para o bom funcionamento dela. E são os orixás os grandes responsáveis pela manutenção da vida, pois são eles que doam as forças necessárias para viver. Sem eles nada existiria.

No entanto, ao mesmo tempo em que os deuses (as) africanos (as) dão saúde, eles estão relacionados com algumas doenças como, por exemplo, para a nação Ketu, Omulu, Iansã, Oxóssi e Ossaim são ligados à: doenças de pele e doenças epidêmicas (varíola e AIDS); problemas respiratórios; e distúrbios emocionais, respectivamente (SILVA; DACACH; LOPES, 2005).

As casas de santo trabalham não apenas com a cura, mas também com a prevenção de doenças e como já foi mencionado, estar em harmonia com os orixás significa garantir a saúde e a manutenção do equilíbrio. Sendo assim, a doença é causada por uma falha, um desequilíbrio, nessa troca, nessa conexão. Portanto, as formas de recuperar a saúde e o equilíbrio são a partir dos rituais que aumentam a proteção espiritual e afastam energias ruins da pessoa necessitada, por meio de folhas, ebós²⁸, banhos, oferendas, cânticos, “patuás”²⁹, defumações, entre outros métodos que

²⁸ É um ritual de limpeza.

²⁹ São amuletos.

reaproximem o indivíduo dos seus orixás (SILVA; DACACH; LOPES, 2005 e SILVA et al., 2003).

No jogo de búzios, por exemplo:

(...) o sacerdote ou a sacerdotisa além descobrir o problema que aflige a pessoa (o consulente), repassa também o que é preciso fazer para solucioná-lo. O jogo de búzios também permite aconselhar as pessoas para escolher o melhor caminho a seguir. O bori, que quer dizer dar comida à cabeça, é fundamental para fortalecer a cabeça do indivíduo e fortalece também os laços com a comunidade e com a própria tradição. Enfim podemos dizer que todos os procedimentos rituais são também procedimentos terapêuticos, pois envolvem cuidado, carinho e atenção, propiciando o reforço da energia vital (axé) (SILVA, 2007).

Há, também, a confecção dos ilekés³⁰ - que não são apenas enfeites. Eles também protegem e criam no simpatizante ou membro do terreiro um sentimento de identificação com a comunidade a qual ele pertence e com os orixás. Então, confeccionar os fios de conta é olhar para dentro de si, é entrar em contato consigo mesmo e com os orixás e é criar uma ponte entre Orum e Aiyê. Logo, é como uma terapia de autoconhecimento, de conexão com o sagrado e de promoção do equilíbrio (SILVA; DACACH; LOPES, 2005).

Alguns remédios e tratamentos como o borí³¹ e as “lavagens de cabeça” são feitos de forma restrita de modo que só o pai ou mãe de santo e talvez mais algumas poucas pessoas possam presenciar. Pois são rituais que envolvem maior complexidade, então precisam ser regidos por pessoas que realmente saibam do que estão fazendo. Já outros tratamentos, que levam as ervas medicinais, passam por um processo de potencialização do Axé dessas plantas e assim precisam descansar no quarto de santo ou o seu preparo precisa ser acompanhado por rezas e cânticos. Mas o que nunca pode faltar é a crença e a fé no que está sendo feito não só pela pessoa que está sendo ajudada, mas também por quem está ajudando (SILVA et al., 2003).

Para o candomblé, os aspectos sociais influenciam fortemente no processo de saúde e adoecimento, pois, entende-se que o ser humano não é apenas constituído por cargas físicas, mas também por aquelas que derivam do campo social, pessoal, profissional e histórico. Então, todos esses elementos são levados em consideração, principalmente o contexto histórico, pois trata-se de uma religião fundada em um país

³⁰ São os colares, fios de conta ou “guias” dos orixás.

³¹ É uma oferenda para a cabeça do indivíduo.

que sofreu por muitos séculos com a colonização que deixou marcas que aparecem no cotidiano de cada indivíduo, sendo que em uns de forma mais branda e em outros mais explícita, restando para uns privilégios, enquanto para outros a necessidade de resistir todos os dias.

1.11 RACISMO EPISTÊMICO

A partir do processo de expansão marítima, os europeus entraram em contato com outras sociedades e por meio dos conceitos de racialização e hierarquização racial se autodeclararam como civilização modelo a qual todos os outros povos deveriam seguir. Por conseguinte, todo produto cultural, histórico, religioso, artístico, linguístico etc. criado fora da Europa foi considerado inferior e primitivo. OLIVEIRA e RODRIGUES (2013) apontam que essa exclusão e não aceitação do que não é europeu pode ser denominada como racismo epistemológico ou epistêmico - conceito criado pelo grupo latino-americano Modernidade/Colonialidade.

Pode-se perceber que os efeitos do racismo epistêmico estão presentes em todos os níveis de formação do povo brasileiro como na arte quando apenas os artistas brancos são valorizados. Na saúde quando apenas a medicina "*iluminada*" pelos ideais europeus é legitimada como a confiável, a oficial e a hegemônica. Na educação quando apenas os pensadores, os personagens e os conhecimentos europeus são privilegiados a ponto dos descendentes de negros, de indígenas e de asiáticos mal saberem de sua história. Na religião quando apenas as crenças cristãs são interpretadas formas de fazer o bem. Na ciência quando apenas as produções e criações europeias são credíveis. E na história quando apenas as sociedades de tradição oral são consideradas como pertencentes a pré-história (OLIVEIRA e RODRIGUES, 2013).

As expressões religiosas africanas começaram a ganhar um caráter negativo - que permanece até os dias de hoje - quando os africanos escravizados eram obrigados a se desvencilhar de suas crenças e se converter ao catolicismo pelo processo de catequização. E assim, segundo os colonizadores determinaram, as religiões de matriz africana foram definidas como a personificação do mal, cujos deuses eram os próprios demônios (OLIVEIRA e RODRIGUES, 2013).

Diante disso, entendo que o melhor conceito para denominar e explicar os

ataques às religiões de matriz africana é o racismo epistêmico e não a intolerância religiosa, pois essas religiões são atacadas exatamente por serem de matriz africana. Então, a questão racial é o primeiro e principal motivo que leva às agressões.

E o ódio por essas determinadas religiosidades é tão grande a ponto de muitos adeptos terem receio de vestir os trajes e os acessórios típicos ou de se assumirem como praticantes devido as recorrentes agressões verbais e físicas, dos olhares atravessados, dos terreiros depredados, entre muitas outras violências.

O trecho a seguir apresenta uma fala de Ricardo Nery, retirado do texto ‘A pele do orixá’ de Marques et al. (2014), no qual ele conta sobre uma violência que sofreu, quando criança, por ser candomblecista: “Minha professora disse que minha religião é coisa do diabo e, por isso, eu era filho do demônio (...)”.

Abdias Nascimento (2017) relaciona em "O Genocídio do negro brasileiro" o papel do ogan com o racismo epistêmico voltado às religiões de matriz africana quando destaca que:

Como resultado direto da perseguição policial aos candomblés, se criou até uma nova categoria na hierarquia sacerdotal dos terreiros: o ogan. Os ogans funcionam como espécie de patronos honorários do candomblé, em geral pessoas com prestígio bastante para proteger o terreiro, seu corpo sacerdotal e seus frequentadores-crentes, da violência costumeira das autoridades públicas. (...) Normalmente, sendo o ogan uma pessoa influente na comunidade dominante, a maioria teria que ser composta de pessoas brancas.

Nessa mesma obra, Nascimento (2017) também problematiza o discurso de democracia racial ou como ele mesmo fala "racismo camuflado com a máscara da benevolência paternalista" defendido por figuras como Pierre Verger, Gilberto Freyre e Waldir Freitas Oliveira. Esses pesquisadores defendem a tese de que pretos, indígenas, brancos e mestiços convivem harmoniosamente, sem conflitos raciais e que essa boa interação reflete na forma com que a sociedade brasileira abriu espaço para influências africanas na cultura brasileira.

A sociedade brasileira, *sem perceber*, assimilou o que lhe tinha ensinado pelo escravo negro. Como um corpo altamente organizado abraçando as normas portuguesas, ela permaneceu inconsciente desse contágio. Ela nem mesmo admitiria para si própria que esta qualidade de influência, originária de criaturas de tão baixa posição e de uma tão estranha e distante origem, estivesse no reino das possibilidades. Apesar disso, a influência africana se fez sentir vagorosamente, *imperceptivelmente*, tão mais eficaz quando lhe faltava o caráter de um planejado e deliberado esforço, o

qual sem dúvida teria suscitado forte oposição. (Grifos do autor). (VERGER apud NASCIMENTO, 2017, p.130)

Esse tipo de interpretação não considera a resistência do povo negro já que se a sociedade aceita sem problemas a cultura negra, então não houve e não há luta por aceitação e reconhecimento. E para além disso, esses mesmos pensadores não consideram que a população brasileira foi e continua sendo majoritariamente formada por negros, o que significa que as culturas africanas não apenas influenciaram a cultura brasileira, mas sim tiveram uma grande participação no processo de formação da cultura nacional. Em outras palavras, a trajetória do Brasil até o que ele é hoje não foi em momento algum pacífica, muito pelo contrário. As culturas europeias, principalmente a portuguesa, foram impostas por meio de armas e outros instrumentos de opressão aos indígenas e aos negros – que durante toda sua história, a partir da colonização, o que mais fizeram foi resistir.

CAPÍTULO 2: A SAÚDE E O CUIDADO NA COSMOVISÃO DO CANDOMBLÉ

2.1 PROCESSOS DE SAÚDE E DE CURA PARA O CANDOMBLÉ

A partir das falas dos quatro entrevistados, pode-se perceber que o acolhimento, a escuta, o estabelecimento de vínculos e os procedimentos/rituais que proporcionam o bem-estar da pessoa que precisa de ajuda são unanimidade como práticas de reestabelecimento e de manutenção da saúde no candomblé.

Para eles, saúde é o bem-estar da mente, do corpo e do espírito. É buscar estar em ambientes que proporcionem a renovação da saúde espiritual, do Axé. É encontrar, nas casas de candomblé, uma família acolhedora e que esteja disposta a cuidar das aflições das pessoas que batem à porta do terreiro. É se afastar das cargas negativas que o corpo absorve no dia-a-dia e como disse o iaô “Poder tirar isso de você de diversos modos, seja até mesmo varrendo o quintal, conversando com o santo ou então passando por alguns procedimentos, mesmo, do candomblé: um ebó, um banho de erva ou algo do tipo”.

E a cura, de acordo com o babalorixá é:

(...) qualquer procedimento que traga melhoria, que faça você chegar nesse bem-estar, conseguir atingir esse bem-estar, que te livre de qualquer processo

de... como é que eu posso te explicar?... Qualquer processo onde você se encontra mal, onde você se encontra perdido. E a gente enxerga a cura dessa forma. A cura no sentido de cuidado, né! De livre de qualquer enfermidade, de qualquer mal que tenha sido causado por qualquer tipo que seja.

Portanto, todos os processos, realizados nas casas de candomblé, que visam recuperar a saúde do próximo são processos de cura. Porém, como será possível observar na fala do iaô, cada caso tem suas particularidades, então o que é feito para um pode não ser feito para outro. Essa fala é um exemplo de equidade, o que comprova mais uma vez as semelhanças entre o candomblé e o SUS.

E esse processo vai desde os pequenos detalhes até os mais complexos, né! Tem gente que chega aqui com problemas, onde precisam ser iniciados, tem gente que chega com problemas aqui, onde precisa só tomar um banho de ervas.

Ainda no debate sobre a cura, os quatro entrevistados acreditam que saúde e cura estão interligadas, mas não necessariamente uma vem sempre acompanhada da outra. O babalorixá entende que o terreiro é lugar de promover saúde, de cuidar e de curar, então mais de noventa por cento das pessoas que procuram ajuda, no candomblé, são curadas no sentido de levantar a autoestima e receber aquilo que, talvez, elas não encontrariam na medicina hegemônica. Já a ekedi acredita que saúde engloba tudo, até o ato de procurar ajuda, desde que a pessoa esteja de “coração aberto”. E a cura se dá nos banhos e outros rituais.

Segundo o iaô, para uma pessoa obter saúde, ela não precisa ser, necessariamente, curada, pois essa saúde pode vir por meio de ações preventivas, sejam elas espirituais ou matérias.

As vezes essa saúde pode ser acompanhada de uma prevenção. E essa prevenção pode ser tanto material de evitar situações como água empoçada, andar descalço, coisas do dia-a-dia mesmo, cuidados que você precisa ter sempre. E ela pode vir também acompanhada de uma prevenção espiritual de estar sempre se cuidando, de você tá sempre na sua roça, sempre presente com os orixás porque até se tiver algum mal que possa estar por acontecer, que você possa ser avisado antes, possa consultar seu pai de santo, ele possa jogar pra você.

Essa preocupação com a prevenção também aparece em outro momento da entrevista com o babalorixá, quando ele fala sobre a sua importância dentro do terreiro.

As pessoas precisam começar a entender que nós temos a cura ritualística através de Ossaim e de Obaluaê, mas também, nós temos a

questão de tomar algum tipo de prevenções, por exemplo, a pouco tempo atrás teve um andaçõ aí de dengue e febre amarela, então cabe aos sacerdotes se prepararem e prepararem suas casas pra que esse tipo de epidemia não chegue até aqui, como vendo questão da calha, questão de pote com água, de veda caixa d'água.

Portanto, mais uma vez é possível fazer ligações das práticas do candomblé com as do SUS quando o iaô e o babalorixá falam de prevenção, ou seja, das ações realizadas dentro do terreiro que visam evitar o adoecimento.

E o ogan também compartilha do pensamento do iaô, porém, ele acrescenta que se a saúde não vem acompanhada da cura, vem do conforto.

Essa é até uma questão interessante porque quando a gente fala de cura, as vezes, ela (saúde) pode não vir acompanhada da cura, mas ela vem acompanhada de um conforto. Então, acho que não teria um lugar melhor pra você estar nesse momento. Assim, é claro que a fé ajuda na cura, ajuda a melhorar uma questão de saúde de uma pessoa, mas se ela não vem existe um conforto, existe um apoio.

2.2 ATUAÇÃO DE OMULU E OSSAIM NOS RITUAIS DE CURA

A partir das quatro falas, percebe-se que Omulu e Ossaim são importantíssimos nos processos de cura, pois, usando as palavras do babalorixá, são “(...) a dupla do bem-estar, a dupla da saúde”. São o médico e o curandeiro que participam de todos os rituais de cura. Ossaim com sua sabedoria sobre as folhas e Omulu sobre as doenças.

Seguem abaixo algumas falas do babalorixá e da ekedi sobre a importância desses dois orixás, respectivamente:

Omulu e Ossaim são dois orixás importantíssimos em qualquer processo de cura porque Omulu é o médico, né!? É aquele que tá ali vendo qual é o problema, o que precisa ser feito pra levantar de fato, pra curar, né!? E Ossaim é o que conhece as formas pra que essa cura aconteça. Omulu pode chegar e dizer assim: “o problema é X”, mas só Ossaim sabe que porção é essa pra resolver o problema (...).

Bom, um é o da saúde e o outro é o que dá o remédio, né! Então, assim, eles são extremamente importantes. É através deles que a gente vai conseguir compreender e identificar as possíveis formas de se chegar a cura do que surgiu, né! E quais são os papéis deles nos rituais? Através do que a gente acredita, um fala da possível doença e o outro fala das possibilidades de cura, de como tratar, qual erva e qual banho, qual ritual necessário.

Com base nas falas acima, pode-se concluir que o processo de recuperação da saúde possui Omulu e Ossaim como figuras essenciais, pois o primeiro que por ser o orixá ligado à saúde, a vida, à morte e às doenças é quem dará o diagnóstico, quem vai “dizer” por qual processo de enfermidade a pessoa que procurou ajuda está passando, qual é a causa do seu sofrimento. E o segundo entra em cena, mostrando os rituais, as ervas, os banhos, ou seja, quais procedimentos serão necessários para curar essa pessoa.

As falas sobre Ossaim, como a do iaô abaixo, reforçam os mitos desse orixá quando demonstram que ele é o grande conhecedor das folhas, então para qualquer um utilizar essas ervas, faz-se necessário pedir licença à Ossaim.

(...) E Ossaim é o curandeiro, né! É o sacerdote das folhas. E é ele que conhece os segredos das folhas pra poder afastar as doenças tanto pra prevenir quanto pra trazer a cura. Ele quem sabe pra que serve cada folha. (...) E são esses dois orixás que as pessoas recorrem quando precisam de saúde.

2.3 PARTICIPAÇÃO DOS ENTREVISTADOS NOS RITUAIS

Nota-se que os entrevistados são partes essenciais da comunidade-terreiro, na qual cada um possui uma função no processo de realização de todas as atividades da casa. E é interessante como essas funções são integradas, como apesar da hierarquia, um depende do outro. O babalorixá, por exemplo, não conseguiria trabalhar sozinho, sem a ajuda dos outros membros da casa no preparo dos banhos, dos ebós, das limpezas ou na colheita das ervas, no observar, no cuidar, no ouvir e no acolher do próximo. E o contrário também acontece, o terreiro não funciona sem a sabedoria do ancião, do babalorixá. Isto pode ser percebido na fala do ogan: “Existem alguns preparos como pegar uma folha em algum lugar, então assim, existe uma hora específica pra gente colher a folha. O pai de santo acompanha muito de perto isso, orienta muito a gente nessa função”.

Primeiro, no meu caso, a minha participação nos rituais de cura e manutenção da saúde é de extrema importância dentro desse terreiro de candomblé, dessa casa, porque toda tradição de matriz africana acredita no poder do ancião que é o mais velho, o que vem a frente, que vem primeiro. E apesar de ser jovem, aqui em casa o mais velho sou eu. Então, eu sou aquele que tem conhecimento das ervas necessárias para curar o mal necessário, de que erva é colhida em que momento, em que hora, pra que serve essa erva.

A partir da fala do babalorixá observa-se que por ele ser o ancião, é o maior detentor de conhecimento na casa, logo é de sua responsabilidade passar esse conhecimento para os seus filhos. Isso retoma a parte do texto que fala sobre os métodos de ensino africano – a tradição oral, o aprender vivenciando, praticando, errando etc.

A ekedi entende seu papel dentro da casa como sendo aquela que cuida dos orixás, do pai de santo e dos outros membros do terreiro, aquela que observa, que ampara, que conversa, que acolhe, dá um colo, um carinho, ou seja, ela se vê como uma mãe.

Eu enquanto ekedi. Ekedi é aquela que é mãe, foi escolhida pelo orixá para cuidar dele e das suas coisas. E aí eu me vejo enquanto ekedi de Ossaim, do pai de santo, com uma responsabilidade de cuidar não só dele e como de toda a casa, de todas as pessoas daqui.

Já o iaô e o ogan percebem, respectivamente, suas funções de forma parecida. Os dois entendem que são necessários nos processos de preparação e realização dos rituais, auxiliando o babalorixá e também no apoio aos irmãos da casa.

Como iaô da casa, a minha participação começa tanto nos cuidados com os irmãos, os de santos, quanto em ajudar a preparar banhos de ervas pra tanto pessoas de fora, que chegam e não são necessariamente filhos da casa, mas vem aqui pra poder procurar ajuda, quanto pra filhos da casa.

(...) Então é isso, eu fico responsável por colher uma folha, por macerar ela e transformar ela num banho, ajudar ele executando algum ebó ou alguma pessoa num processo de limpeza de uma região ou limpeza da pessoa em si.

Um dos muitos fatos interessantes que pude perceber foi a repetição da expressão “coração aberto” por quase todos os entrevistados quando se referiram a preparação especial. O que reforça o que foi dito no capítulo sobre saúde no candomblé – o cuidado e o respeito que o povo de santo tem para com as pessoas. E para além disso, demonstra a devoção, o amor, ao que eles fazem dentro do terreiro, como pode ser visto na fala do babalorixá:

E a preparação especial, quando você me pergunta se tem algum tipo de preparação especial... Primeiro, eu acho que é o coração, né?! Se você tem um coração aberto pra ajudar o próximo, com bondade. Se você não tem um senso de bondade, de humanidade, você não vai ajudar ninguém. Então, da mesma forma quando a pessoa passa do portão do terreiro pra dentro precisando de ajuda, a nossa preparação como povo de terreiro é justamente essa, é estar aberto e com o coração aberto pra receber e ajudar aqueles que precisam de ajuda.

2.4 DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE OS PROCESSOS DE CURA PARA MEMBROS DO AXÉ E SIMPATIZANTES

As diferenças mais apontadas pelos entrevistados, presentes na fala da ekedi abaixo, foram as relacionadas a fé, a crença, no tratamento, na força e no poder de cura dos orixás, pois os membros do terreiro já sabem dessa necessidade e, talvez, aquele que ainda está nos primeiros contatos com o candomblé, não possui esse entendimento e duvida dos procedimentos.

Se a gente não acredita, se a gente não está disposto a acreditar naquilo que você tá buscando, isso no profissional. E se você não tem fé que é no religioso, não adianta! Pode fazer o que for. Fazer todos os rituais possíveis e imagináveis dentro do candomblé que não vai adiantar. Isso serve tanto pra um simpatizante quanto pro filho da casa. E acho que até pro filho da casa nem tanto porque se é filho da casa, entende e sabe o poder e a força que a casa tem, que os orixás nos dão. Então isso é menos, né! Não acontece tanto. Mas eu não vejo diferença entre simpatizantes e os filhos. Basta acreditar e ter fé.

E para além da fé, há também a questão apontada pelo babalorixá de que os filhos de santo já possuem uma relação mais próxima com os orixás e por isso são mais sensíveis a aproximação de enfermidades ou de outras circunstâncias desagradáveis.

Quando você é membro do axé, quando você já é membro do terreiro, você já passou por um processo de cura, né! Se passou do portão pra dentro, já pertence a essa família. E é claro que em algum momento cê pode ter alguma coisa que precise de uma ajuda espiritual pra se curado e enfim etc. Mas ela é de uma forma diferente porque você é membro da família. Ossaim já te conhece e reconhece. Essa casa já é sua. Então, dificilmente, você vai chegar a adoecer sem que não tenha alguns sinais ou algum aviso porque se você tá convivendo aqui você tá atento a esse tipo de coisa a questão da saúde.

Outro ponto, mencionado pelo iaô, é a disposição da pessoa que está procurando ajuda, pois se ela não quer se envolver com a casa, os procedimentos serão mais simples como os ebós e os banhos de erva que tanto o simpatizante quanto o filho da casa podem receber.

As vezes um processo de cura pra um simpatizante pode ser até começar a fazer parte da casa, em alguns casos. Normalmente, os processos pra simpatizantes podem vir a ser mais simples, dependendo da disposição dessa pessoa. Se ela não quer criar um grande vínculo com a casa, então pode ser feito alguma coisa mais simples. Não precisa ser um processo de cura muito elaborado que precise envolver ela de fato com a casa. Mas normalmente existem processos de cura para os dois casos. Não existe uma restrição. E as diferenças realmente não são grandes, por exemplo, um banho de erva tanto um simpatizante quanto um membro da casa pode tomar. Um ebó também pode. As diferenças são mais nos casos onde a pessoa precisa de fato de uma

iniciação. Aí sim, ela tem que deixar de ser um simpatizante e se tornar um membro da casa.

O ogan aborda a relação que cada pessoa tem com a casa. No caso dos membros do axé, essa relação é mais profunda, o que faz com que mesmo depois de curados, eles continuem frequentando o terreiro. Já os simpatizantes, as vezes, após serem curados, vão embora e não voltam mais.

E a diferença é que, eu acho que a gente que vive o candomblé nunca esquece, principalmente quando eu comentei essa questão do meu afilhado. Então assim, sempre que eu vejo Omulu, Ossaim, eu lembro como eles ajudaram. E aí, talvez, uma pessoa que é só simpatizante, muitas vezes, ela melhora e assim não dá continuidade, esquece.

Portanto, percebe-se que as falas não apenas legitimaram o que foi escrito ao longo do trabalho, mas também serviram para demonstrar a visão e conceder o espaço de fala para aqueles que realmente vivenciam o candomblé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou abordar a concepção e algumas práticas de saúde na cosmovisão do candomblé. Para tanto, foi necessário fazer um “passeio” pela história do candomblé, partindo da colonização - quando os negros de diversos cantos da África foram trazidos para o Brasil - para entender o seu processo de formação, de onde vieram seus ideais e a quais circunstâncias seus praticantes foram impostos, já que se trata de uma religião fundada em um país racista.

E essa volta no tempo permitiu a compreensão de como o racismo epistêmico está ligado com fatos do cotidiano como a constante discriminação que o povo de terreiro precisa enfrentar, a falta de valorização da cultura que o candomblé proporciona, incluindo sua forma de promover saúde, cujo reconhecimento legal como um tipo de medicina é negado. E para além disso, por muitas vezes, é negado também o atendimento humanizado aos candomblecistas nas unidades de saúde devido ao preconceito enraizado dos profissionais desses estabelecimentos.

Evidenciou-se, também, os métodos de educação nos terreiros por meio da tradição oral na qual os anciões passam para os mais novos, mediante os mitos, as vivências e as práticas, todos os seus conhecimentos.

E por fim, mediante a abordagem da relação entre natureza, candomblé, saúde e orixás, mais especificamente Omulu e Ossaim, constatou-se que os processos de manutenção e recuperação da saúde no candomblé envolvem diversos elementos como as propriedades litúrgicas da natureza, os rituais, a comunidade-terreiro, Omulu e Ossaim guiando os processos de cura, o Axé e o acolhimento ao próximo como palavra norteadora do cuidado.

ANEXO A: ENTREVISTAS

1º entrevistado: Babalorixá Dário de Ossaim

P: O que são e como se dão os processos de saúde e de cura no candomblé?

R: Eu acho que saúde é o processo de saúde e cura. O que é saúde de uma forma geral? Saúde é o bem-estar, né! Do corpo. Saúde é você está se sentindo bem no ambiente onde você vive. Saúde é... eu acho que a gente pode resumir como bem-estar. E cura, o que seria a cura? O nome dessa casa, por exemplo, é Ilê Axé Onixegun, que significa casa forte do Senhor da cura, onde Onixegun pode ser um médico, um dentista, um curandeiro, qualquer pessoa que tenha o poder de curar. Então, cura é, na verdade, qualquer procedimento que traga melhoria, que faça você chegar nesse bem-estar, conseguir atingir esse bem-estar, que te livre de qualquer processo de... como é que eu posso te explicar?... Qualquer processo onde você se encontra mal, onde você se encontra perdido. E a gente enxerga a cura dessa forma. A cura no sentido de cuidado, né! De livre de qualquer enfermidade, de qualquer mal que tenha sido causado por qualquer tipo que seja.

P: Dentro dos terreiros, a saúde sempre vem acompanhada da cura?

R: Então, o povo de terreiro, a vivência de terreiro, a experiência de terreiro, apesar de pouco se conhecer, as pessoas pouco falam de saúde de terreiro, mas é um local onde a gente cuida da saúde sim porque é um lugar que as pessoas entram pra serem cuidadas. 90% de quem bate à porta de um terreiro muitas vezes não está bem, então como eu disse a você no início, como eu tenho na minha cabeça que saúde tem a ver com bem-estar físico, né!? O terreiro tem muito a ver com saúde e cura sim porque se a pessoa não está bem seja mentalmente, sentimentalmente, qualquer que seja o problema, ela bate na porta do terreiro. E dessas 90%, vamos botar de 100, acredito que mais de 90% saiam curadas porque o terreiro tá aqui pra isso, pra cuidar e curar. Cura no sentido de levantar a autoestima, de trazer pro indivíduo aquilo que de repente ele não vai encontrar na cura medicinal, vamos dizer assim, na medicina aí fora porque existe cura que é espiritual, entendeu!? Então tá muito ligado, assim, a questão da saúde e a cura nos terreiros.

P: Quão importantes são Omulu e Ossaim para os processos de cura? E quais são os papéis deles nos rituais?

R: Omulu e Ossaim são dois orixás importantíssimos em qualquer processo de cura porque Omulu é o médico, né!? É aquele que tá ali vendo qual é o problema, o que precisa ser feito pra levantar de fato, pra curar, né!? E Ossaim é o que conhece as formas pra que essa cura aconteça. Omulu pode chegar e dizer assim: “o problema é X”, mas só Ossaim sabe que porção é essa pra resolver o problema, então é uma, digamos que, a dupla do bem-estar, a dupla da saúde. Os dois juntos fazem com que todo o povo tenha saúde e cura porque não existe cura sem remédio e quem faz o remédio é Ossaim. Então é importantíssimo que tenha o médico que é Omulu, Obaluaê, e que tenha Ossaim que é esse que faz a manipulação e que traz o remédio e a partir daí a gente consegue alcançar a cura.

P: Qual é e como se dá a sua participação nos rituais de cura e de manutenção da saúde? É necessário fazer alguma preparação especial?

R: Primeiro, no meu caso, a minha participação nos rituais de cura e manutenção da saúde é de extrema importância dentro desse terreiro de candomblé, dessa casa, porque toda tradição de matriz africana acredita no poder do ancião que é o mais velho, o que vem a frente, que vem primeiro. E apesar de ser jovem, aqui em casa o mais velho sou eu. Então, eu sou aquele que tem conhecimento das ervas necessárias para curar o mal necessário, de que erva é colhida em que momento, em que hora, pra que serve essa erva. Após o meio dia não pode tirar determinado tipo de erva. Pra dizer assim: “olha, em tal lugar mais úmido tem essa erva, num lugar mais seco”. E juntar tudo isso pra que daí saia, vamos dizer assim, um chá, qualquer tipo de preparação para cuidar da saúde de alguém. E paralelo a isso tem uma questão que assim nós estamos no século XXI e temos aqui em casa, por exemplo, como algumas outras casas já tem um trabalho de prevenção a qualquer tipo de epidemia. As pessoas precisam começar a entender que nós temos a cura ritualística através de Ossaim e de Obaluaê, mas também, nós temos a questão de tomar algum tipo de prevenções, por exemplo, a pouco tempo atrás teve um andaçõ aí de dengue e febre amarela, então cabe aos sacerdotes se prepararem e prepararem suas casas pra que esse tipo de epidemia não chegue até aqui, como vendo questão da calha, questão de pote com água, de veda caixa d’água. Tudo isso porque quando você tem um templo religioso que geralmente é um espaço grande, tem a área externa do terreiro que é o quintal. Você tomar alguns cuidados, entendeu? Eu acho que

isso, por exemplo, é um tipo de manutenção da saúde. De você ter um tipo de prevenção já ajuda muito. Manter sua casa organizada, limpa e preparada porque nós, de terreiro, temos muito o costume de andar com os pés no chão, né! De ter um contato com a terra, então que essa terra seja limpa, seja cuidada. Ninguém merece, ninguém gosta de viver num lugar que não esteja limpo, adequadamente, então acho que isso também é um tipo de prevenção e manutenção da saúde. E a preparação especial, quando você me pergunta se tem algum tipo de preparação especial... Primeiro, eu acho que é o coração, né?! Se você tem um coração aberto pra ajudar o próximo, com bondade. Se você não tem um senso de bondade, de humanidade, você não vai ajudar ninguém. Então, da mesma forma quando a pessoa passa do portão do terreiro pra dentro precisando de ajuda, a nossa preparação como povo de terreiro é justamente essa, é estar aberto e com o coração aberto pra receber e ajudar aqueles que precisam de ajuda.

P: Há um babalossaim nesse terreiro?

R: Não, então a casa é muito jovem. Então ela ainda não tem todos, a gente chama de cargos. Então ela ainda não tem um babalossaim porque ela tem muito pouco tempo e as casas de matriz africana, as casas de terreiro tradicionais, vamos dizer assim, elas levam até sete anos pra começar a distribuir cargos que é quando a casa, vamos dizer assim, tá começando a atingir maior idade. Então, a gente ainda tem esse espaço aí. A nossa casa tem cinco anos apenas. Daqui a algum tempo nós já teremos um babalossaim, mas enquanto esse babalossaim não existe, não tem um posto apontado, quem faz o papel do babalossaim sou eu, entendeu?

P: Quais são as diferenças e semelhanças entre os processos de cura para membros do axé e simpatizantes que procuram o terreiro para ajuda?

R: Quando você é membro do axé, quando você já é membro do terreiro, você já passou por um processo de cura, né! Se passou do portão pra dentro, já pertence a essa família. E é claro que em algum momento você pode ter alguma coisa que precise de uma ajuda espiritual pra se curado e enfim etc. Mas ela é de uma forma diferente porque você é membro da família. Ossaim já te conhece e reconhece. Essa casa já é sua. Então, dificilmente, você vai chegar a adoecer sem que não tenha alguns sinais ou algum aviso porque se você tá convivendo aqui você tá atento a esse tipo de coisa a questão da saúde. O povo de terreiro apesar de ser uma família grande, as casas de candomblé são muito unidas, então as pessoas se observam, as pessoas se cuidam, um cuidando do

outro. Um: “olha o sal do fulano que tem a pressão alta! Olha o açúcar do outro que tem diabetes!” Então ela consegue, de certa forma, se precaver de algumas coisas. Agora já o simpatizante quando ele chega é muito bem recebido, claro! Muito bem tratado! Uma coisa importante de te dizer é que assim, toda cura seja ela no candomblé, seja ela em que religião for (como se tá falando do simpatizante, vou falar nisso) ela precisa ser de dentro pra fora também. A pessoa que bate nessa porta e entra pra procurar Ossaim, Obaluaê pra uma questão de cura, ela também precisa tá com o coração dela aberto pra ser curado porque se ela não acredita, ela não vai arrumar nada aqui, não vai conseguir nada aqui. Se o coração dela não vem puro pra isso, aberto pensando que Ossaim e Obaluaê possam realmente trazer cura pra enfermidade dela, eu acho que nada acontece. Então, eu acho que só existe uma diferença no tratamento entre quem é membro do axé e quem é simpatizante nesse sentido porque o membro do axé já sabe disso. Ele sabe da força de Ossaim, ele sabe da força de Obaluaê, ele sabe da força que tem essa terra, esse chão. De repente quem tá chegando pra pedir ajuda pode não saber dessa força.

2ª entrevistado: Ogan Vitor

P: O que são e como se dão os processos de saúde e de cura no candomblé?

R: A gente tem o costume de debater muito, ter reuniões, ensaios e estudos. Aqui dentro do axé tem muito jovem, tem muitas pessoas que estudam comportamento humano e a relação entre as pessoas. Então quando a gente fala no processo de saúde, aqui, a gente tá tratando desde a questão da saúde mental das pessoas onde a nossa casa desempenha um papel muito importante nisso. Existe uma estrutura hierárquica onde pessoas sempre procuram saber sobre as outras, sobre um grupo específico. Pessoas que são responsáveis por cuidar do bem-estar das pessoas, né! E há outra parte da saúde também onde são aplicados alguns segredos, alguns conhecimentos como alguma atividade relacionada a uma folha ou alguma coisa como um ebó, alguma coisa do tipo que seja pra limpeza, pra melhoria da saúde. É o dia-a-dia na casa de candomblé, né! Todo dia bate alguém precisando de alguma coisa, de alguma ajuda, seja só pra desabafar por uma questão de depressão ou de um problema de saúde mesmo.

P: Dentro dos terreiros, a saúde sempre vem acompanhada da cura?

R: Essa é até uma questão interessante porque quando a gente fala de cura, as vezes, ela (saúde) pode não vir acompanhada da cura, mas ela vem acompanhada de um conforto. Então, acho que não teria um lugar melhor pra você estar nesse momento. Assim, é

claro que a fé ajuda na cura, ajuda a melhorar uma questão de saúde de uma pessoa, mas se ela não vem existe um conforto, existe um apoio. A gente costuma dizer aqui, que a casa de candomblé não é só pra gente estar quanto tá feliz ou tá bem, mas quando a gente tá realmente precisando de uma ajuda ou de um conforto ou de um acompanhamento. Eu tenho um caso particular até, que essa questão me remete. Eu perdi um afilhado com quatro anos, com câncer. E ele viveu dentro do terreiro de candomblé com a gente. Então assim, acho que se não fosse todo o apoio das pessoas de terreiro e o que eles fizeram, a gente não teria conseguido estender um pouco mais o tempo de vida dele pra ele tá com a gente. E o processo pós: do meu irmão ter entrado em depressão e ter conseguido se recuperar e hoje em dia ter uma vida normal. Mas assim, isso é uma particularidade das casas de candomblé em si, entendeu?

P: Quão importantes são Omulu e Ossaim para os processos de cura? E quais são os papéis deles nos rituais?

R: Por sorte eu sou de Omulu e meu pai de santo é de Ossaim, então eu vejo e vivo isso muito de perto, né! Eu já vi algumas pessoas recorrendo a omulu e fazendo alguma coisa que ele orientou pra fazer e ajudar a uma pessoa a voltar a andar ou levantar de uma cama ou melhorar diretamente, né! E Ossaim é o dono das folhas e dono do segredo. A gente poderia dizer que são os dois grandes médicos, dois grandes curandeiros da nossa religião. O pai de santo é de Ossaim. Ele tem um conhecimento muito bom, muito grande de folha. Ele foi iniciado por um dos maiores conhecedores de folha do Brasil. E aí que seja uma coisa mais boba, que seja uma dor de garganta, uma febre, uma inflamação como uma coisa mais grave, ele conhece uma folha. Então ele tem esse conhecimento grande de folha, ele domina bem isso.

P: Qual é e como se dá a sua participação nos rituais de cura e de manutenção da saúde? É necessário fazer alguma preparação especial?

R: Respondendo até de trás pra frente, eu acho que como isso aqui é um espaço sagrado, a nossa casa é um espaço sagrado, a gente sempre tem uma preparação sim. A gente sempre evita fazer algumas coisas, ter algum tipo de excesso antes de vir pra casa de candomblé ou antes de ajudar uma pessoa, né! Sobre minha participação. Existem alguns preparos como pegar uma folha em algum lugar, então assim, existe uma hora específica pra gente colher a folha. O pai de santo acompanha muito de perto isso, orienta muito a gente nessa função. Então é isso, eu fico responsável por colher uma

folha, por macerar ela e transformar ela num banho, ajudar ele executando algum ebó ou alguma pessoa num processo de limpeza de uma região ou limpeza da pessoa em si. E acho que essa é a forma que eu participo no processo de manutenção da saúde e bem-estar das pessoas, tanto das pessoas que vem procurar ajuda como dos filhos de santo.

P: Quais são as diferenças e semelhanças entre os processos de cura para membros do axé e simpatizantes que procuram o terreiro para ajuda?

R: Eu acho que pela semelhança... eu acho que todo mundo é humano, todo mundo precisa de ajuda, todo mundo precisa de apoio. É uma sobrecarga muito grande, por exemplo, deixar só por conta de um pai de santo cuidar dos seus filhos. Imagina numa casa que tem cem pessoas, cê ter que dar conta de cem pessoas e mais as que te procuram! Então assim, todo mundo precisa de atenção, todo mundo precisa de ajuda e é nessa divisão hierárquica que a gente tenta ajudar as pessoas de uma forma mais próxima dentro de casa, né! É muito comum pessoas daqui de casa encaminharem ou indicarem pessoas de fora pra virem aqui, principalmente, por questão de saúde ou de um conforto, alguma coisa. E a diferença é que, eu acho que a gente que vive o candomblé nunca esquece, principalmente quando eu comentei essa questão do meu afilhado. Então assim, sempre que eu vejo Omulu, Ossaim, eu lembro como eles ajudaram. E aí, talvez, uma pessoa que é só simpatizante, muitas vezes, ela melhora e assim não dá continuidade, esquece. Acho que é a grande diferença, assim. Mas, num geral, claro, existem pessoas que voltam, existem pessoas que ajudam a casa até hoje. (Por exemplo) “ah, me ajudaram a melhorar de um problema de saúde que eu tive ou alguma outra questão”. E elas ajudam seja financeiramente, comprando uma bandeirinha pra colocar aqui, uma esteira, ajuda num almoço, na manutenção da casa. Então elas acabam criando um laço, né!

3º Entrevistado: ekedi de Ossaim Izabella Alvarez

P: O que são e como se dão os processos de saúde e de cura no candomblé?

R: Na verdade, saúde, eu entendo como um macro dentro de uma casa de candomblé. Quando você entra numa casa de candomblé, quando você se sente acolhido, quando você se identifica com as pessoas, você acaba criando esses vínculos, né! É o que a gente fala, candomblé é uma religião familiar e aí quando você se inclui nessa família, você ganha uma família, o orixá te dá essa família, isso já é uma saúde, é uma forma de manutenção da saúde. E cura tem a ver com os processos que se passam dentro de uma

casa de candomblé, seja ela física, espiritual, mental também. E aí faz parte dos processos que acontecem dentro da casa de candomblé.

P: Dentro dos terreiros, a saúde sempre vem acompanhada da cura?

R: Então, como eu falei antes, eu acho que a saúde tem a ver com tudo. Então não necessariamente a cura vem quando acontece um processo de adoecimento, seja do corpo, do espírito, da mente. E aí sim aparece o processo da cura, quando se fazem os banhos, os rituais. E a saúde foi o que eu falei antes, engloba tudo, entendeu? Então assim, a partir do momento que você vem aberta, vem de coração aberto, querendo estar aqui por um propósito melhor, um propósito maior e melhor pro bem, isso já é uma saúde, já é uma forma de estar saudável, de ter saúde. E a cura, na verdade, aparece quando se dá algum processo de doença, entre aspas, né! Não só do corpo físico.

P: Quão importantes são Omulu e Ossaim para os processos de cura? E quais são os papéis deles nos rituais?

R: Bom, um é o da saúde e o outro é o que dá o remédio, né! Então, assim, eles são extremamente importantes. É através deles que a gente vai conseguir compreender e identificar as possíveis formas de se chegar a cura do que surgiu, né! E quais são os papéis deles nos rituais? Através do que a gente acredita, um fala da possível doença e o outro fala das possibilidades de cura, de como tratar, qual erva e qual banho, qual ritual necessário. Ainda mais a nossa casa sendo de Ossaim, né! O pai de santo sendo de Ossaim. Então aí que isso é mais importante ainda pra gente nesse processo de cura.

P: Qual é e como se dá a sua participação nos rituais de cura e de manutenção da saúde? É necessário fazer alguma preparação especial?

R: Eu enquanto ekedi. Ekedi é aquela que é mãe, foi escolhida pelo orixá para cuidar dele e das suas coisas. E aí eu me vejo enquanto ekedi de Ossaim, do pai de santo, com uma responsabilidade de cuidar não só dele e como de toda a casa, de todas as pessoas daqui. Então assim, a minha participação nos rituais é de estar ao lado do pai de santo, auxiliando em todos os rituais que ele fizer, que ele precisar ou que ele pedir. Essa é minha participação. Eu tô ao lado dele para ajudar. Pra poder compor com ele e fazer todos os rituais possíveis e necessários para alcançar a cura de quem vem buscar essa cura. E pra manutenção da saúde aí é quando eu vejo o meu papel de mãe ekedi na casa, que é essa coisa de tá atento ao outro, de conversar. Orixá é muito sábio, sabe muito o

que faz porque assim, aqui na casa eu sou ekedi do pai de santo, fora da casa eu sou psicóloga. Então assim, orixá sabe o que faz. Então, eu tenho muito disso de estar atenta, de observar, prestar atenção no filho que tá mais quieto, no filho que tá mais agitado e conversar e tentar entender. Vamo lá! O que tá acontecendo? Ter aquela palavra amiga, ter aquele ouvido. As vezes você não precisa falar nada é só de ouvir, né! Que é o meu trabalho profissional. Só de ouvir o outro, isso já traz uma saúde, já traz uma paz pras pessoas. E aí tentar entender as pessoas, tentar conversar. Eu acho que na verdade esse é o que eu entendo como meu papel da manutenção da saúde dentro da casa. E a outra pergunta é se é necessário fazer alguma preparação especial? Na verdade, acho que a preparação especial pra além das regras que existem como em todo lugar. Existem as regras que a gente precisa seguir. E pra além disso, eu acho que é estar de coração aberto, entender que cada um é um, cada um tem um jeito de ser. Um é mais risonho, o outro é mais fechado. Um é mais carinhoso, o outro já é mais seco. E a preparação especial é essa, entender que cada um é um e saber lidar com cada pessoa do jeito que ela é.

P: Quais são as diferenças e semelhanças entre os processos de cura para membros do axé e simpatizantes que procuram o terreiro para ajuda?

R: Olha... diferença... eu não consigo ver muita diferença não porque assim, se a pessoa vem procurar a cura ela tem que tá de corpo aberto, tem que tá disposta e acreditar nisso, né! E aí é quando eu particularmente faço as minhas ligações da religião com a minha profissão. A nossa cabeça, nosso orí (que é cabeça em iorubá) é que comanda. Se a gente não acredita, se a gente não está disposto a acreditar naquilo que você tá buscando, isso no profissional. E se você não tem fé que é no religioso, não adianta! Pode fazer o que for. Fazer todos os rituais possíveis e imagináveis dentro do candomblé que não vai adiantar. Isso serve tanto pra um simpatizante quanto pro filho da casa. E acho que até pro filho da casa nem tanto porque se é filho da casa, entende e sabe o poder e a força que a casa tem, que os orixás nos dão. Então isso é menos, né! Não acontece tanto. Mas eu não vejo diferença entre simpatizantes e os filhos. Basta acreditar e ter fé.

4º Entrevistado: iaô Humberto de Xangô

P: O que são e como se dão os processos de saúde e de cura no candomblé?

R: Então, na minha concepção, os processos de cura do candomblé vão desde a cura física até mesmo a cura psicológica, onde uma pessoa chega aqui com uma carência de ter companhia e encontra uma família aqui, onde tem pessoas que podem cuidar dela, podem estar junto com ela, tanto aqui dentro quanto no mundo lá fora porque você não ganha uma família só aqui dentro, você ganha uma família pra vida. Todo mundo acaba se tornando irmão. Você ganha vários pais, várias mães. E o processo da saúde também vai muito da saúde espiritual, da saúde energética. De você poder tá aqui sempre se renovando. Você tá com uma carga negativa de lá de fora, alguma coisa que te estressou e poder vir aqui e se renovar. Poder tirar isso de você de diversos modos, seja até mesmo varrendo o quintal, conversando com o santo ou então passando por alguns procedimentos, mesmo, do candomblé: um ebó, um banho de erva ou algo do tipo. E esse processo vai desde os pequenos detalhes até os mais complexos, né! Tem gente que chega aqui com problemas, onde precisam ser iniciados, tem gente que chega com problemas aqui, onde precisa só tomar um banho de ervas. Então, basicamente, os processos se dão desse modo.

P: Dentro dos terreiros, a saúde sempre vem acompanhada da cura?

R: Não porque eu acho que pra se obter saúde não necessariamente você precisa ser curado, né! As vezes essa saúde pode ser acompanhada de uma prevenção. E essa prevenção pode ser tanto material de evitar situações como água empoçada, andar descalço, coisas do dia-a-dia mesmo, cuidados que você precisa ter sempre. E ela pode vir também acompanhada de uma prevenção espiritual de estar sempre se cuidando, de você tá sempre na sua roça, sempre presente com os orixás porque até se tiver algum mal que possa estar por acontecer, que você possa ser avisado antes, possa consultar seu pai de santo, ele possa jogar pra você. Então, pra mim, nem sempre essa saúde vem acompanhada da cura não, mas pode ser que venha sim em grande parte dos casos.

P: Quão importantes são Omulu e Ossaim para os processos de cura? E quais são os papéis deles nos rituais?

R: Omulu e Ossaim são de extrema importância nos processos de cura por Omulu ser o orixá da saúde, um orixá muito ligado à vida, morte, à doenças. Algumas pessoas fazem as vezes até uma associação negativa por Omulu ser muito ligado à doença. Mas ele é quem tem o conhecimento das doenças na verdade. Ele que pode afastar a doença das pessoas. E Ossaim é o curandeiro, né! É o sacerdote das folhas. E é ele que conhece os

segredos das folhas pra poder afastar as doenças tanto pra prevenir quanto pra trazer a cura. Ele quem sabe pra que serve cada folha. Existem folhas que são de determinados orixás, mas só Ossaim sabe como usar elas. E Omulu é como se fosse o médico que fizesse esse diagnóstico ou que fizesse também essa prevenção, né! E são esses dois orixás que as pessoas recorrem quando precisam de saúde.

P: Qual é e como se dá a sua participação nos rituais de cura e de manutenção da saúde? É necessário fazer alguma preparação especial?

R: Como iaô da casa, a minha participação começa tanto nos cuidados com os irmãos, os de santos, quanto em ajudar a preparar banhos de ervas pra tanto pessoas de fora, que chegam e não são necessariamente filhos da casa, mas vem aqui pra poder procurar ajuda, quanto pra filhos da casa. Ajudo a preparar ebós e limpezas e coisas do tipo. E também vai desde o cuidado com o próximo, né! Aqui a gente tá sempre atento a quem precisa de ajuda, quem não precisa. Avisar pro pai de santo que esse meu irmão tá precisando de uma ajuda, tá precisando de uma conversa que seja, de qualquer coisa assim, de um carinho que seja porque a pessoa não tá num dia bom, sabe? E como pai da casa também, né! Eu também tenho essa responsabilidade de estar sempre atento a esses detalhes, de saber quem precisa do que e de auxiliar o pai de santo dentro dos processos de cura que ele necessita fazer. Então, normalmente, quem tá com ele pra fazer os ebós, as iniciações e as obrigações e as comidas pros orixás sou eu também. Então minha participação vai muito de auxiliar ele nesses trabalhos. E se é necessário fazer alguma preparação especial? Então, eu acho que a preparação necessária é cê tá de coração aberto. É necessário cê vir por vontade própria, você ter fé, cê acreditar no que cê tá vindo fazer aqui porque não adianta muito você vir duvidando, né! Porque isso não é fé, né! Se você tá duvidando é sinal que cê não tá nem acreditando no que cê tá indo fazer. Então, eu acho que a preparação necessária é mais essa: tá de coração aberto, de corpo limpo, de corpo aberto e mente aberta também pra receber.

P: Quais são as diferenças e semelhanças entre os processos de cura para membros do axé e simpatizantes que procuram o terreiro para ajuda?

R: As diferenças desses processos de cura não são enormes, mas assim, existe uma diferença de um processo de cura pra uma pessoa que já é iniciada no candomblé e pra um simpatizante. As vezes um processo de cura pra um simpatizante pode ser até começar a fazer parte da casa, em alguns casos. Normalmente, os processos pra

simpatizantes podem vir a ser mais simples, dependendo da disposição dessa pessoa. Se ela não quer criar um grande vínculo com a casa, então pode ser feita alguma coisa mais simples. Não precisa ser um processo de cura muito elaborado que precise envolver ela de fato com a casa. Mas normalmente existem processos de cura para os dois casos. Não existe uma restrição. E as diferenças realmente não são grandes, por exemplo, um banho de erva tanto um simpatizante quanto um membro da casa pode tomar. Um ebó também pode. As diferenças são mais nos casos onde a pessoa precisa de fato de uma iniciação. Aí sim, ela tem que deixar de ser um simpatizante e se tornar um membro da casa.

P: O que são os ebós?

R: É uma limpeza, basicamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José Flávio Pessoa de. **A floresta sagrada de Ossaim: o segredo das folhas.** [Rio de Janeiro]: Pallas, 2011. 232p.

BRASIL. Ministério da Saúde / Secretaria Executiva. **Sistema Único de Saúde (SUS): princípios e conquistas.** Brasília, 2000. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/sus_principios.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde / Secretaria Nacional de Assistência à Saúde. **ABC do SUS: doutrinas e princípios.** Brasília, 1990. Disponível em: <http://www.pbh.gov.br/smsa/bibliografia/abc_do_sus_doutrinas_e_principios.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2018.

MARQUES, Juracy de et al. **A pele do orixá: infância, educação e ecologia nos terreiros de candomblé e umbanda de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA), Brasil.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ECOLOGIA HUMANA, 2., Paulo Afonso – BA, set. 2014. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B15dhkg5j3CNRGhWLVNKS5jMVk/view>>.

Acesso em: 01 out. 2016.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017. 239 p.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. **Notas sobre diáspora africana e história da África.** Seropédica - RJ: EDUR, jul/dez. 2007. v. 29, n 2. (Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas). Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/118-130%20(1).pdf>. Acesso em: 01 set. 2017.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Sobre os candomblés como modo de vida: imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis.** 13. rev. Rio de Janeiro: [s.n.], ago. 2016. f. 153-170.

NETO, Nivaldo Aureliano Léo; ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega. **A natureza sagrada do candomblé: análise da construção mística acerca da natureza em terreiros de Candomblé no nordeste de Brasil.** Rio de Janeiro: Interciência, aug. 2010. v. 3, n. 8. Disponível em: <http://www.interciencia.org/v35_08/568.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2016.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; RODRIGUES, Marcelino Euzebio. **A cruz, o ogó e o oxê: religiosidades e racismo epistêmico na educação carioca.** In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 36. Goiânia – GO, set. /out. 2013. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt21_trabalhos_pdfs/gt21_2678_texto.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2018.

O cuidar nos terreiros. Direção de Neto Borges, Brasília – DF: Olho Filmes, 2013. 28 min. 1 documentário. Disponível em: <<http://www.olhoetnofilmes.com/o-cuidar-nos-terreiros>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

PRANDI, REGINALDO. **Mitologia dos orixás.** São Paulo: Companhia das letras, 2001. 591p.

SILVA, José Marmo da; DACACH, Solange; LOPES, Fernanda. **Atagbá:** guia de promoção da saúde nos terreiros. Rio de Janeiro: [s.n.], 2005.

SILVA, José Marmo da et al. **Religiões Afro-Brasileiras e Saúde.** São Luís – MA: [s.n.], 2003.

SILVA, José Marmo da. **Religiões e saúde:** a experiência da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde. Saúde e sociedade. São Paulo, v.16, n.2, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902007000200017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 jan. 2017.

SOUZA, Wallace Ferreira de; SOUSA, Maria do Socorro; LIMA, Marileuza Fernandes de. **Um corpo que fala:** a percepção de saúde/doença nas religiões afro-brasileiras. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 34. Caxambu – MG, out. 2010. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1368&Itemid=350>. Acesso em: 01 abr. 2016.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás:** deuses iorubas na África e no novo mundo. Tradução de Maria Aparecida da Nóbrega. 5. ed. São Paulo: Corrupio, 1981. 295p.